

## PRESENÇA DE ADOLFO LUTZ NA FACULDADE DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA

J. P. CARVALHO LIMA (\*)

O ensino de Bacteriologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, além de fornecer elementos de particular interesse para o histórico do desenvolvimento dessa disciplina, evidencia, particularmente, a presença de Adolfo Lutz, não só na própria Faculdade como nos principais centros de estudo de Bacteriologia do nosso Estado e do Brasil.

Não resta dúvida de que a criação do Instituto Bacteriológico de São Paulo, em 1892, sob a orientação de Félix Le Dantec e Adolfo Lutz, marcou o início dos estudos de Bacteriologia no Brasil, principalmente no tocante às suas relações com a saúde pública.

Lutz encarou todos os problemas da Microbiologia aplicada. Seus discípulos e sua escola irradiaram-se pelos novos estabelecimentos que se iam fundando. Ele mesmo, após 16 anos no Instituto Bacteriológico, iniciou, no Instituto Oswaldo Cruz, nova e proveitosa fase de investigações.

Dos seus numerosos discípulos, Vital Brasil ligou-se ao Butantã, engrandecendo-o com os memoráveis trabalhos sobre ofidismo. Eduardo Rodrigues Alves encarregou-se do Instituto Pasteur de São Paulo. A Faculdade de Medicina recebeu Alexandrino Pedroso e Adolfo Lindenberg. Victor Godinho foi diretor do Hospital de Isolamento. A Faculdade de Farmácia teve Artur Vieira de Mendonça, Bonilha de Toledo, Carlos Meier, Victor Godinho e Carvalho Lima.

Agora que se comemorou o primeiro centenário do nascimento de Adolfo Lutz, julgamos oportuno, ao traçar o histórico da nossa cadeira, prestar, em nome da Faculdade de Farmácia e Odontolo-

---

(\*) Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo. Ex-diretor do Instituto Adolfo Lutz.

gia, mais uma homenagem ao grande sábio brasileiro, enaltecendo a influência que teve sua escola no ensino de Bacteriologia no tradicional estabelecimento.

Um projeto de organização duma Escola de Farmácia em São Paulo, publicado em 1896, na "Revista Pharmacêutica" previa o curso de 4 anos, com dez cadeiras, inclusive Anatomia Comparada e Fisiologia. A Bacteriologia não foi lembrada, embora o período de 1876 a 1890 tenha sido o das descobertas fundamentais sôbre as quais se desenvolveu a nova e promissora ciência.

Já pelo regulamento de 1898-1899, o ensino de farmácia, na Escola de Farmácia, então fundada, era ministrado em três anos com três cadeiras em cada série. A Bacteriologia não fôra ainda incluída. Havia, no entanto, uma quarta série que constituía o "Curso de Bacharelado". O aluno que terminasse êsse curso e defendesse tese, receberia o título de bacharel em ciências naturais e farmacêuticas. Sômente nesse "Curso de Bacharelado" foi incluída a cadeira de Higiene e Elementos de Bacteriologia.

Por essa época já frutificava o Instituto Bacteriológico de São Paulo. Com a volta de Félix Le Dantec para a Europa, coube a Adolfo Lutz, desde 6 de abril de 1893, a direção do Instituto. Os primeiros assistentes de Adolfo Lutz foram Artur Vieira de Mendonça e José Bonilha de Toledo. Nada mais acertado, portanto, que, ao se iniciar na Escola de Farmácia o ensino de Bacteriologia, seus dirigentes procurassem na *cellula mater* o elemento indicado para lecionar a nova disciplina. Assim, o primeiro titular da cadeira de Higiene e Elementos de Bacteriologia foi Artur Vieira de Mendonça. Trouxe, como preparador e substituto, Bonilha de Toledo.

ARTUR VIEIRA DE MENDONÇA — Natural de Minas Gerais. Além de assistente do Instituto Bacteriológico, foi médico da Santa Casa de São Paulo.

Quando Roberto Koch, em 1890, anunciou ao mundo científico o tratamento específico da tuberculose, o marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisório, enviou a Berlim uma comissão para estudar o novo método. Chefiou-a Domingos Freire, tendo como imediatos Chapot Prévost e outros professôres da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Artur de Mendonça, ainda estudante de medicina, fêz parte dessa comissão.

Vindo para São Paulo ingressou, graças à inclinação para os estudos de bacteriologia, no Instituto Bacteriológico, tornando-se um

dos mais entusiastas colaboradores de Lutz, principalmente nos trabalhos sôbre cólera e febre amarela, cuja etiologia o apaixonou profundamente.

Em 1896, isolou o bacilo de mormo de animais doentes da Companhia de Viação Paulista, confirmando o resultado de autópsias realizadas por Lutz. Em 1897, viajou com Adolfo Lutz para Montevideu, onde assistiram à conferência de Sanarelli sôbre a etiologia da febre amarela, contrária à transmissão pelo mosquito.

Mendonça tornou-se grande adepto do bacilo icteróide de Sanarelli e radicalmente contrário à teoria de Finlay. *Doublé* de médico e jornalista, era polemista popularíssimo na época; fulminava pelos jornais diários a nova doutrina; certa vez, assim se exprimiu: "O mosquito traz nas suas asas o ridículo para a classe médica".

Em 11 de fevereiro de 1900, pediu demissão do Instituto Bacteriológico por divergências havidas com Adolfo Lutz a respeito dessa mesma questão.

Foi fundador, com Victor Godinho, da "Revista Médica de São Paulo". Daí se retirou sem motivos plausíveis.

Foi um dos primeiros médicos a montar, em São Paulo, laboratório de microscopia e análises clínicas.

De Artur de Mendonça, dizia Palmeira Ripper: "Só conhece a linha reta". Rubião Meira acrescentou: "De poucos homens se poderá dizer assim, e Artur de Mendonça servia de exemplo aos que procuram um caráter inatacável, firme, digno, honesto, nessas épocas em que o que marca valor é a falta de dignidade humana".

Em dezembro de 1900, Macedo Soares e Luís de Queirós lembraram à Congregação da Escola de Farmácia, a criação da cadeira de Prótese para, mediante ligação com outras cátedras da própria Escola, formar o curso de arte dentária. A idéia foi além e, em março de 1901, foi criado oficialmente o curso de odontologia, inteiramente autônomo, feito em dois anos, compondo-se de cinco cadeiras, sendo três no 1.º e duas no 2.º.

A segunda Cadeira do 1.º ano denominava-se Higiene e Bacteriologia da Bôca.

No impedimento de Artur de Mendonça, assumiu em agosto de 1901, Bonilha de Toledo, que sômente regeu a cátedra durante um ano, pois acompanhou Mendonça quando êste, em agosto de 1902, pediu demissão da Escola de Farmácia.

JOSÉ MARTINS BONILHA DE TOLEDO — Nasceu em Capivari, Estado de São Paulo. Diplomou-se em medicina em Bruxelas, na Bélgica. Foi chefe de Clínica Médica da Santa Casa. No comêço de 1896, foi nomeado para o Instituto Bacteriológico, em missão do qual foi a Paris estudar os fermentos vînicos. Nessa ocasião tentou obter a cafeína em estado de pureza. Empreendeu, também, pesquisas sôbre as bactérias do ar e da água. Foi grande colaborador de Lutz, não só no estudo da febre amarela como da febre tifóide. Realizou, ainda, trabalhos sôbre bactérias cromogênicas. Faleceu de febre amarela no dia 24 de abril de 1903, aos 32 anos de idade.

Perdendo seus dois primeiros professôres, a direção da Escola de Farmácia ainda recorreu à inesgotável fonte, o Instituto Bacteriológico, trazendo Carlos Meier, que só lecionou de 1902 a 1903.

CARLOS LUÍS MEIER — Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde nasceu. Vindo para São Paulo, foi nomeado inspetor sanitário e depois, em 11 de agôsto de 1900, assistente do Instituto Bacteriológico, cargo em que foi efetivado em 1901.

Tomou parte nas experiências de transmissão da febre amarela realizadas no Hospital de Isolamento, colaborando com Lutz nas suas principais investigações e realizando numerosas comissões no interior do Estado. Substituiu Lutz na direção do Instituto Bacteriológico, aí permanecendo até 1916, quando a transferiu a Teodoro Baima, por ter sido nomeado diretor da Demografia Sanitária.

JOSÉ VALERIANO DE SOUZA — Nomeado após a saída de Carlos Meier. Foi o quarto professor de Bacteriologia da Escola de Farmácia. Era clínico de moléstias das vias urinárias. Inteligência lúcida e caráter firme. Morreu relativamente moço.

Mau grado sua boa vontade, tomando a sério o ensino, pouca prática pôde realizar na cadeira de Higiene e Elementos de Bacteriologia. O laboratório funcionava numa pequena sala do 1.º andar do velho prédio da rua Brigadeiro Tobias. Em 1904, dizia Valeriano de Souza: “Não existe ainda o laboratório de Higiene; o de Bacteriologia, não obstante se achar preparado para funcionar regularmente, devido a exigüidade do prédio, ocupa lugar impróprio ao fim a que se propõe”. Essas palavras mostram o interêsse do professor.

Em seguida a Valeriano de Souza foi nomeado Victor Pereira Godinho, também da escola de Lutz, que já era professor de Higiene.

Pelo Decreto 8.659 de 8 de abril de 1911 foi extinto o curso de bacharelado. A cadeira de Bacteriologia passou a ser lecionada, respectivamente, na 2.<sup>a</sup> série do curso de Farmácia e na 1.<sup>a</sup> do curso de Odontologia. Victor Pereira Godinho lecionou ambos os cursos.

VICTOR PEREIRA GODINHO — Nasceu em 1866 e faleceu em 1924, no Rio de Janeiro. Médico. Clinicou algum tempo no Rio. Daí foi para o interior de São Paulo, como médico da Fazenda Chanaan, em São Simão, propriedade de Rodolfo Dantas. Veio, depois, para São Paulo e aqui fez carreira como clínico, ocupando o cargo de médico interno e depois diretor do Hospital do Isolamento. Acompanhou de perto a maioria dos trabalhos de Lutz. Tinha qualidades de professor. Durante todo o tempo em que esteve à frente da cátedra, lecionou com grande aproveitamento dos alunos. Escreveu, tendo para isso alguns colaboradores, o primeiro livro de Bacteriologia editado em São Paulo. As edições de 1906 e 1909 esgotaram-se rapidamente. Deixou numerosos trabalhos científicos. Desde 1922, porém, afastou-se da cadeira por doença, sendo substituído por Alberto de Oliveira Santiago. Por sua morte em 1924, Santiago foi nomeado professor catedrático, dando-se nessa ocasião o desdobramento e a cátedra de Higiene foi confiada a Eduardo Monteiro.

Por essa época a Escola sofreu grandes crises.

Em 1932, Benedito Montenegro, nomeado depositário da Escola de Farmácia, conservou Alberto Santiago na cadeira de Microbiologia do curso de Farmácia, convidando José Pedro de Carvalho Lima, diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo, para a cátedra de Histologia e Microbiologia do curso de Odontologia. Mais se acentuou a influência de Lutz.

As instalações eram precaríssimas. Mas, graças ao professor Montenegro, a cadeira foi equipada. Com material abundante do Instituto Bacteriológico, o curso foi eficazmente iniciado. No ano seguinte, a Congregação aprovou a separação de Histologia e Microbiologia, dando ensejo a que viesse fazer parte do corpo docente da Escola de Farmácia a figura ímpar de professor que foi André Dreyfus.

Por dois anos a situação assim permaneceu, melhorando, dia a dia, o ensino na antiga escola, inteiramente reorganizada.

O Governo, ao criar em 1934 a Universidade de São Paulo, encampou a Escola de Farmácia com a denominação de Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Foram nomeados professôres catedráticos de Microbiologia, respectivamente dos cursos de Farmácia e de Odontologia, Alberto Santiago e Carvalho Lima.

Em novembro de 1937, em obediência à Constituição do Estado Novo que proibia as acumulações, Carvalho Lima foi exonerado, por decreto de 4-1-38, publicado a 5-1-38, por ter optado pelo seu cargo de diretor-médico do Instituto Bacteriológico. Razões ponderosas obrigaram-no a essa decisão.

Vaga a cadeira de Microbiologia do curso de Odontologia, para ela pediu transferência Alberto Santiago, vagando-se a do curso de Farmácia.

Aberto o concurso para o preenchimento da cátedra, dois candidatos se inscreveram: Américo Maciel de Castro Júnior, formado em Bacteriologia pelo Instituto Manguinhos e Felipe Cabral de Vasconcelos, que plasmou sua especialização em Biologia ao lado de Celestino Bourroul.

Maciel de Castro foi classificado e Cabral de Vasconcelos alcançou a livre-docência.

A Constituição Brasileira de 1946, pelo artigo 24 do Ato das Disposições Transitórias, reintegrou Carvalho Lima no cargo de professor catedrático de Microbiologia do curso de Odontologia, colocando-o em disponibilidade remunerada a partir de 4-1-38, data da exoneração.

Maciel de Castro acabara de ir para a Câmara Federal, na qualidade de suplente, sendo incontinenti convocado Carvalho Lima para a cátedra de Microbiologia do curso de Farmácia.

Já era, por êsse tempo, assistente da cadeira, Lúcio Penna de Carvalho Lima que se encontrava nos Estados Unidos, em viagem de estudos e que, ao regressar, fêz concurso para livre-docente.

Carvalho Lima, que se encontrava pela segunda vez regendo a cadeira de Microbiologia do curso de Farmácia, solicitou demissão, achando que o livre-docente deveria substituir o professor, e retornou à sua disponibilidade.

Em 1950 terminou o mandato de Maciel de Castro na Câmara Federal. Desiludido da política, pretendia dedicar-se inteiramente à cátedra. Fêz uma viagem aos Estados Unidos. Mostrava-se animadíssimo, mas, inesperadamente faleceu no dia 9 de outubro de 1953.

AMÉRICO MACIEL DE CASTRO JÚNIOR — Nasceu em São José da Bela Vista, município de Franca, Estado de São Paulo, em 6 de junho de 1896. Fêz os estudos primários no Grupo Escolar de Franca e os secundários, no Ginásio Rio Branco de Ribeirão Preto e Limeira. Diplomou-se em 1920 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fêz os seguintes cursos de especialização: Microbiologia e Parasitologia médica no “Instituto Oswaldo Cruz”, Higiene e Saúde Pública, na Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo. De 1920 a 1924, exerceu o cargo obtido por concurso de inspetor sanitário, no Rio de Janeiro. Em 1924 transferiu-se para Franca, sua terra natal, fundando ali o Instituto Bioterápico Brasileiro, o primeiro do interior do Estado que instituiu serviço anti-rábico. Foi professor fundador da Escola Normal Livre de Franca, chegando também a seu diretor. Foi vereador à Câmara Municipal de Franca. Tomou parte ativa na Revolução de 32. Em 1934, foi eleito deputado estadual pelo Partido Constitucionalista.

Vaga a cadeira de Microbiologia do curso de Farmácia, inscreveu-se para o concurso, em 1939, sendo classificado e indicado para a cátedra.

Foi deputado federal pelo Partido Social Democrático. Dedicava-se, ultimamente, ao lado do magistério superior, à profissão de médico patologista. Era afeiçoado, também, aos estudos de História e Religião. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do Instituto Genealógico Brasileiro.

FELIPE CABRAL DE VASCONCELOS — Nasceu em 9 de maio de 1906, em São João da Boa Vista, Estado de São Paulo. Fêz os estudos secundários no Ateneu Paulista de Campinas e no Colégio Anchieta de Friburgo. Era farmacêutico pela Escola de Farmácia de São Paulo, onde concluiu o curso em 1926. Formado em medicina, em 1934, pela Faculdade Fluminense de Medicina. Desde 1939 era livre-docente de Microbiologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia, tendo regido, em substituição, não só a cadeira de Microbiologia como a de Zoologia e Parasitologia, da qual era assistente. Faleceu no dia 26 de maio de 1948, quando muito mais se esperava da sua capacidade de trabalho, em proveito do ensino. Dedicava-se, também, ao laboratório de análises clínicas. Caráter reto, de extrema bondade e inconfundível modéstia. Querido por todos.

Deixou bom número de trabalhos científicos, salientando-se sua tese de concurso “Da Classificação Sorológica dos Pneumococos —

Reação de Neufeld” e as pesquisas sôbre brucelose e moléstia de Chagas.

Com o falecimento de Maciel de Castro, tudo indicava que seria nomeado substituto o assistente livre-docente Lúcio Penna de Carvalho Lima, mas o diretor da Faculdade convocou o professor em disponibilidade. Este relutou em aceitar, ponderando, por fim, que ficaria na cátedra até seu preenchimento por concurso. O decreto nesse sentido foi publicado no Diário Oficial de 29-10-53, mas o magnífico reitor de então, professor Ernesto Leme, não concordou e proferiu despacho em consequência do qual, novo decreto, de 14-12-53, publicado a 16-12-53, mandando “reaproveitar, *ex-officio*, o dr. JOSÉ PEDRO DE CARVALHO LIMA, Professor Catedrático em disponibilidade remunerada, para exercer em caráter efetivo o cargo de professor catedrático, padrão “V”, do grupo II, da PP., do Quadro da Universidade de São Paulo, lotado na Faculdade de Farmácia e Odontologia, correspondente à 5.<sup>a</sup> cadeira — Microbiologia — do curso de Farmácia daquela Faculdade, vago em consequência do falecimento do professor Américo Maciel de Castro Júnior, verificado em 9-10-53”. De novo Adolfo Lutz!

A Congregação da Faculdade finalizava seu anteprojeto de regulamento. Tôdas as cadeiras seriam postas em regime de tempo integral. Haviam sido criados, por sua vez, os cargos de professor-adjunto, obrigatôriamente em regime de tempo integral. Diante dessa situação, o professor sugeriu, e a Congregação aprovou, o regime de tempo integral para a cadeira de Microbiologia do curso de Farmácia, medida essa concretizada pelo decreto de n. 23.627, de 14-9-54, publicado a 18-9-54.

Em agôsto de 1955, Lúcio Penna de Carvalho Lima fêz concurso para professor-adjunto.

A Bacteriologia, na Faculdade de Farmácia, atualmente desfruta situação da qual muito se deve esperar. As cadeiras, localizadas numa ala sossegada do novo prédio, dispõem de instalações condignas, magnífica sala de aulas práticas e moderno equipamento para os alunos. Dum lado, o curso de Odontologia; do outro, o de Farmácia, formando conjunto harmônico para eficiência do ensino e aproveitamento dos alunos. E, a Bacteriologia, iniciada na Faculdade, por discípulos de Lutz, encontra-se, ainda, sob a influência da escola do grande mestre. Essa escola, no entanto, precisa formar novos elementos, novos discípulos, dentro da própria Faculdade. Não bastam dois professôres se dedicarem exclusivamente ao ensino e

às pesquisas. É indispensável maior número de colaboradores para que novos professores de Bacteriologia sejam preparados e haja, doravante, a necessária continuidade.

### PUBLICAÇÕES CONSULTADAS

CAMPOS, E. S. — História da Universidade de São Paulo. São Paulo, Sarai-va, 1954.

LEMONS, F. C. — 1954 — Contribuição à história do Instituto Bacteriológico (1892-1940). *Rev. Inst. Adolfo Lutz*, 14 (número especial).

LIMA, J. P. C. — Bacteriologia, 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Rev. Trib., 1945.

LUTZ, A. — Relatórios do Instituto Bacteriológico, de 1892-1908.

MEIRA, D. R. A. — Médicos de outrora; impressões pessoais. S. Paulo, Estab. Graph. Atlantico, 1937.

ROSENFELD, G. — 1949 — Palavras sobre o Dr. Felipe Cabral de Vasconcellos. *Rev. Clin. S. Paulo* 25: 22-30.